

A MÚSICA NA ESCOLA

Erlene Teixeira de Lima Martins¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a importância da música na escola, principalmente no Ensino Fundamental. Procura responder uma importante questão: quais são as dificuldades para que o ensino eficiente da música possa ser implantado de forma correta no Ensino Fundamental? Como resposta, são mostradas inúmeras evidências do valor do ensino da música nas escolas, os efeitos da música na criança e sua relação com um desenvolvimento intelectual equilibrado. É discutida também a noção de inteligência musical e seus desdobramentos. São apresentadas as dificuldades da efetiva educação musical no Ensino Fundamental, com enormes prejuízos à uma educação integral dos alunos. Por fim, é tratada a questão da vivencia musical na sala de aula, quando são apresentadas sugestões de atividades musicais que podem ser desenvolvidas em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Música. Educação Musical. Música na escola.

ABSTRACT

This article aims to discuss the importance of music in school, especially in elementary school. Seeks to answer an important question: what are the difficulties for the effective teaching of music can be deployed correctly in Elementary Education? In response, are shown abundant evidence of the value of music education in schools, the effects of music on children and their relationship with a balanced intellectual development. It also discussed the notion of musical intelligence and its development. The difficulties of effective music education in elementary school, with enormous damage to an integral education of the students are presented. Finally, we address the issue of musical experiences in the classroom, when suggestions of musical activities that can be developed in the classroom are presented.

KEYWORDS: Music. Music Education. Music in school.

¹ Licenciada em Pedagogia pela UFPR e em Música pela EMBAP; pós-graduada em Arte e Educação; professora da Rede Municipal de Ensino de Curitiba e da Faculdade Cristã de Curitiba.

INTRODUÇÃO

Ninguém, em sã consciência, há que negar a importância da música na vida das pessoas, principalmente na vida dos alunos do Ensino Fundamental. Porém, poucos conhecem as dificuldades para que este importante instrumento possa efetivamente ser usado nas salas de aula.

O ensino da linguagem musical já está garantido nos parâmetros curriculares e nas diretrizes curriculares para a cidade de Curitiba, no entanto, há poucas escolas onde de fato este ensino se dá. É muito comum, principalmente nas séries iniciais, as crianças cantarem música, sem, no entanto, estarem desenvolvendo habilidades musicais ou aprendizagem musical. A música é muito utilizada como instrumento de ajuda às outras disciplinas, e não como arte.

A música deveria estar incluída efetivamente nos currículos da educação básica, não apenas pelo seu valor essencial, mas também por ser parte importante na formação de um indivíduo. O ensino da música abre possibilidades para a construção de conhecimentos tanto quanto outras áreas de ensino, favorecendo ao estudante várias possibilidades de significados. Por estes motivos, pretendeu-se, com o desenvolvimento desta pesquisa, mostrar as contribuições da aprendizagem musical na formação dos cidadãos e a importância da garantia, nas séries iniciais, do ensino da música na sala de aula.

Embora garantida dentro da disciplina de artes, a Música tem sido ignorada pela maioria dos professores que atuam nas escolas de Ensino Fundamental, tanto nas séries iniciais, como nas mais adiantadas. Aos alunos tem se furtado o direito de desenvolverem sua inteligência musical, descrita por Gardner (ANTUNES, 1998), e de poderem conhecer o universo musical construído pela sociedade, compreendendo-o a partir de uma visão crítica, preparando o espírito para seleção e assimilação de uma cultura musical rica e digna, não se tornando escravos dos maneirismos mercenários e simplórios da indústria cultural. Quais são as dificuldades encontradas para a implantação do ensino da música nas séries iniciais? Quais as contribuições do ensino da música para a formação do indivíduo e quais habilidades desenvolvidas que contribuem para aquisição de outros conhecimentos escolares?

O presente trabalho descreve a importância e a influência da música para a humanidade, o fascínio que causa para a criança, a descoberta da inteligência musical e a situação da Educação Musical no ensino Fundamental no nosso país. Em seguida, mostra como a vivência da música na sala de aula pode ser prazerosa.

Espera-se que este trabalho venha servir de incentivo para outros professores e escolas que também desejam uma educação de qualidade e que acreditam que a arte pode e faz transformações na sociedade.

1 A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA

É difícil pensar na história da humanidade sem música, pois esta sempre esteve presente de alguma forma influenciando e fluindo do homem, como fenômeno físico e psicológico. Hoje já se têm à disposição avançadas pesquisas científicas que consideram a música como uma força fisiopsicológica, uma ferramenta auxiliar da educação, de tratamentos recuperativos, integrando programas de desenvolvimento de condições físicas e mentais do indivíduo.

Papiros médicos egípcios datados de 1500 anos a.C., já se referiam acerca da ação da música sobre o homem, retratando o encantamento da música sobre as mulheres, estimulando sua fertilidade. A Bíblia relata sua aplicação terapêutica, quando narra, no livro de Samuel, a história do rei Saul que quando atormentado por um espírito mal, chamava o músico Davi, que tocando sua harpa, afastava o tal espírito de Saul, acalmando-o.

A arte musical era muito valorizada na cultura grega, filósofos como Platão e outros pensadores, foram os primeiros a ter uma “visão científica”, pesquisando a música sem um caráter místico. Para a cultura grega a música “era ordem, equilíbrio, harmonia, fruto da razão e da ordem intelectual que procuravam encontrar no mundo, usando entre outras coisas, para a catarse de emoções, contribuindo para o bem estar do indivíduo” (SEKEFF, 2002, p.93). Acreditavam que a música desempenhava papel importantíssimo na recuperação do indivíduo, para curar, para prevenir doenças físicas e mentais, para educar e também para aquietar o erotismo das mulheres cujos maridos estivessem na guerra.

Com o Renascimento, o estudo da música como um recurso de saúde e comunicação toma um caráter racional, e desde então muito se tem descoberto sobre ela.

No decorrer dos séculos, filósofos, médicos, psicólogos, teóricos, tentaram explicar o mecanismo de nossas respostas à música, constatando-se sempre quão difícil é dissociar, nessas respostas, os efeitos fisiológicos dos psicológicos (e vice-versa). Os pesquisadores oscilam entre duas teorias: a primeira afirma que a música afeta primordialmente as emoções e desperta estados de ânimo que acabam atuando sobre o corpo; ou seja, o movimento vai do psicológico ao fisiológico. A segunda defende o processo inverso, em que o movimento vai do fisiológico ao psicológico. Esta segunda teoria é compartilhada pela filósofa contemporânea Susan Langer, para quem a excitação nervosa origina a emoção. (SEKEFF, 2002, p.108)

O que nos interessa, no entanto, é compreender que a música exerce uma influência no ser humano tanto por sua condição de vibração sonora (fisiológica), quanto por seu caráter de influência no estado de ânimo das pessoas.

O som e o ritmo movem o ser humano desde sua fase intra-uterina. Vários pesquisadores comprovaram que a música atua em nossas funções orgânicas, influenciando o nosso metabolismo. Seus

estímulos conseguem interferir na respiração, circulação, digestão, oxigenação, dinamismo nervoso e humoral, marcha das operações mentais; induz a reações positivas e negativas e cria a consciência do movimento (como Dalcroze assinala). Tem ação em nossa capacidade de trabalho, estimula ou enfraquece nossa energia muscular, reduz e retarda a fadiga, favorece o tônus muscular (como pesquisou a fisiologista Fere). Segundo Susan Langer, há relações entre música e ritmo humano, pulso e tempo musical.

Ouvindo música pode-se experimentar a sensação de estar executando movimentos rítmicos, ou seja, a música pode estimular em nossa mente imagens sinestésicas, imagens de movimentos que parecem reais.

A música alimenta nosso poder de atenção e também se constitui num recurso contra o medo e a ansiedade. Ela abaixa nosso limiar à dor e à tensão pré-operatória, assunto discutido no II Simpósio Internacional sobre o uso da Música na Medicina, em Lüdenscheid, quando aproximadamente duzentos especialistas apresentaram trabalhos mostrando as vantagens da música na minoração de dores, angústias e em seu uso em salas de operação, quando penetrando fundo nos centros inferiores do cérebro, acaba por tranquilizar os pacientes.

A música satisfaz algumas necessidades, permitindo ao indivíduo viver uma experiência que envolve fantasia e realidade, como é o caso da identificação do adolescente com o rock. Ela é também um ótimo recurso de catarse, favorecendo a liberação de emoções e sentimentos que são difíceis de expressar verbalmente, e ao mesmo tempo ela age como facilitadora de comunicação, por meio do qual o indivíduo consegue falar de si e de suas emoções.

A música estimula a criatividade, e nas pessoas criativas a sinestesia tende a ser mais intensa. Ao mesmo tempo, acredita-se que um elevado potencial sinestésico parece desenvolver maior capacidade de memorização. A música estimula a inteligência de nosso “cérebro emocional”, do “cérebro racional” (neocôrtex) e do “cérebro sentimental” (sistema límbico), todos integrantes do córtex, com funções diferentes. Além disso, sua prática estimula nosso equilíbrio afetivo emocional, propiciando um sentimento de bem estar, de calma e relaxamento. O indivíduo que faz, escuta, canta, vivencia a música, é sempre beneficiado.

2. A CRIANÇA E A MÚSICA

É muito difícil, quase impossível, uma criança não gostar de música. Para Jeandot, “a receptividade à música é um fenômeno corporal” (JEANDOT, 1990, p.18). A música impressiona o indivíduo desde sua vida intra-uterina, e este percebe os sons de seu mundo fetal (batidas cardíacas, ruídos intestinais, movimentos musculares, etc), e os sons do ambiente que o circunda (palavras, ruídos, melodias, timbres, etc).

O feto não reage só aos movimentos rítmico-sonoros desse seu paraíso uterino, mas também a alguns sons do mundo exterior que, dada sua intensidade, chegariam de alguma forma até ele, abrandados pelo trajeto percorrido, como ensina o doutor Rolando Benezon. (SEKEFF, 2002, p.69)

O estímulo musical é captado pelo recém-nascido já na segunda ou terceira hora de vida, embora sua reação proceda em virtude da intensidade do som. É interessante observar que o bebê é capaz de cantar e balbuciar, emitir sons individuais. Segundo alguns pesquisadores,

...já a partir dos dois meses os bebês são capazes de igualar altura, volume e contorno melódico das canções entoadas por suas mães, e a partir dos quatro meses já conseguem adequar-se à estrutura rítmica das canções ouvidas. (SEKEFF, 2002, p.72)

Em todas as civilizações costuma-se acalentar os bebês com cantos e movimentos. Uma melodia acompanhada de movimentação rítmica (balanço) é capaz de acalmar até o bebê mais novinho.

Observando crianças pequenas podemos notá-las cantarolando e ao mesmo tempo balançando o corpo ou fazendo qualquer movimento corporal. Acompanhar músicas com movimentos do corpo é algo natural e imediato para a criança. “A criança é um ser “rítmico-mímico”, que usa espontaneamente os gestos ao sabor da sensação que eles despertam”. (JEANDOT, 1990, p.19)

A música se constitui numa possibilidade expressiva privilegiada para a criança, pois atinge diretamente sua sensibilidade afetiva e sensorial, colaborando para a formação de sua personalidade, despertando as faculdades de criação, estimulando o desenvolvimento de sua emotividade e estados afetivos.

3. DESENVOLVENDO A INTELIGÊNCIA MUSICAL

A partir de descobertas neurológicas, mudaram-se as linhas de conhecimento neurológico sobre a mente humana e colocaram-se em questão processos anteriormente descritos para explicar sistemas neurais que envolviam: a memória, a aprendizagem, a consciência, as emoções e as inteligências em geral.

Para Daniel Goleman a fórmula para o sucesso na vida depende de: “uma boa combinação de inteligência matemática razoável, boa inteligência verbal, satisfatório desempenho corporal, musical, espacial, com controle e autoconhecimento emocional”. (ANTUNES, 2001, p.37)

A Inteligência sonora ou musical associa-se à percepção do som por sua unidade e linguagem e não como um componente do ambiente. Além dos “gênios”, pessoas comuns também percebem o som através da singularidade específica de suas muitas nuances e linguagens: produzir e apreciar ritmos, tons, timbres e identificar diferentes formas

de expressividade na música ou nos sons em geral. Ao que tudo indica, esta é a Inteligência humana que mais precocemente se desenvolve, por isso deveria se constituir em estímulo que acompanhasse todos os níveis de escolaridade e todas as disciplinas curriculares.

Toda pessoa nasce com pelo menos 9 Inteligências, mas acaba entrando em uma escola que valoriza apenas duas (lingüística e lógico-matemática) ficando como que “emparedado” por esses valores. (ANTUNES, 200, p.25)

A teoria das inteligências múltiplas traz novas linhas de procedimento para que as escolas convencionais acrescentem em suas funções instrucional, socializadora e preparadora para o mundo do trabalho uma outra, voltada ao estímulo e educação cerebral e assim, progressivamente, possa ir se transformando em um centro estimulador de Inteligências. Dessa forma poderemos compreender a aprendizagem, desenvolver estímulos às inteligências e cuidar de distúrbios ligados à atenção, criatividade e memorização.

É preciso que haja uma transformação de paradigmas da escola e consequentemente do ato pedagógico. O ser humano precisa perceber-se com acentuada amplitude lingüística, lógico-matemática, criativa, sonora, sinestésicas, naturalista e, principalmente, emocional. Só estaremos dando oportunidades de uma formação completa aos nossos alunos se puderem desenvolver suas inteligências desde o momento que iniciarem sua educação formal.

4 A EDUCAÇÃO MUSICAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Há décadas a educação musical está ausente nas escolas brasileiras, e sua ausência nos currículos se explica por vários fatores. A educação musical perdeu sua identidade como disciplina, e isto se deu com a incorporação da música como um dos componentes da disciplina educação artística, na década de 70. Isto acabou trazendo consequências, pois

Há vinte anos o Brasil não tem mais a disciplina Educação Musical nas escolas. Uma geração já se formou sem ter tido oportunidade de fazer música, que ficou restrita aos conservatórios e escolas de música. A essa geração foi vedado o acesso à prática musical. A música foi colocada num pedestal inacessível, só alcançado pelos especialmente bem dotados. (SCHAFFER, 1992, P. 11)

Dentre os vários problemas enfrentados pela área de educação musical, “a falta de sistematização do ensino de música nas escolas de ensino fundamental e o desconhecimento do valor da educação musical como disciplina integrante do currículo escolar” são considerados os de maior relevância para a professora Alicia Maria A. Loureiro.

A arte, desde sempre, é elemento essencial de integração do homem na sociedade, e se ajusta como um instrumento de

7

desenvolvimento da personalidade. A música tem implicações estéticas, psicológicas, históricas, culturais e sociais na vida dos indivíduos. O desenvolvimento da sociologia, da psicologia, da etnomusicologia e da filosofia contribuiu para esclarecer o porquê de a educação musical ser importante e do porquê ela deveria se constituir como disciplina do currículo escolar. Assim, a educação musical deveria ser vista

...como meio que tem a função de desenvolver a personalidade do jovem como um todo, de despertar e desenvolver faculdades indispensáveis ao profissional de qualquer área de atividade, ou seja, por exemplo, as faculdades de percepção, as faculdades de comunicação, as faculdades de concentração (autodisciplina), de trabalho em equipe (...) as faculdades de discernimento, análise e síntese, desembaraço e autoconfiança, (...), o desenvolvimento de criatividade, do senso crítico, do senso de responsabilidade, da sensibilidade de valores quantitativos e da memória, principalmente, o desenvolvimento do processo de conscientização de tudo, base essencial do raciocínio e da reflexão. (...) Trata-se de um tipo de educação musical que aceita como função da educação musical nas escolas a tarefa de transformar critérios e idéias artísticas em uma nova realidade, resultante de mudanças sociais. O homem como objeto da educação musical." (LOUREIRO, 2003)

A música tem seu valor social, e deve interagir com um mundo globalizado tornando-o mais próximo do homem. A educação musical proporciona ao indivíduo a capacidade de sintetizar forma e conteúdo, como uma resposta criativa ao mundo contemporâneo, além de uma prática artística que possibilita as vivências que enriquecem a imaginação e a formação global da personalidade.

A escola deve garantir a igualdade de oportunidades, isto é, proporcionar a cada criança os meios necessários de acesso à cultura existente. "Desenvolver no indivíduo o interesse pela criação e pela apreciação estética, compreendendo-a e até mesmo contestando-a, ao mesmo tempo em que busca desenvolver sua imaginação e disposição para novas atividades artísticas". (LOUREIRO, 2003).

Para Snyders, o ensino da música deve ser algo prazeroso e interessante para o aluno. É importante considerar o interesse do aluno, abrir espaço para que possa se expressar sem medo de que uma emoção estética vivida possa subestimá-lo, e ao contrário disso, sentir que pode colaborar com o crescimento do grupo. O professor não deve estar preocupado com a utilidade da educação musical para o futuro do aluno, mas para o presente. "O ensino de música tem, então um papel exemplar: precisamente porque não visa ao futuro, ao sucesso futuro, só existe e se justifica pela alegria cultural que oferece aos alunos em sua vida de alunos". (SNYDERS, 1992, p.133).

A escola tem um papel fundamental no estudo da cultura musical, pois é no seu interior que acontece as mediações, as trocas de experiências pessoais, intuitivas e diferenciadas. É preciso estar atento às práticas musicais e a movimentos sociais e culturais que estão além dos muros da escola, mas que se refletem no seu interior. A educação

musical deve mostrar o multiculturalismo existente no nosso país, tentando evitar o isolamento de subculturas ou a imposição de uma cultura dominante.

Pensando no papel da música como disciplina, dentro do contexto do ensino fundamental, não se pode deixar de lado seu caráter psicopedagógico, pois “ela age sobre a capacidade de atenção do educando, estimulando-o até níveis insuspeitados” (SEKEFF, 2002, p.78), e do seu caráter interdisciplinar, ajudando as demais disciplinas como a matemática, na qual se relaciona em razão da dimensão concreta e quantitativa de que é dotada. As representações sonoras possibilitam o desenvolvimento do pensamento lógico de que ambas, música e matemática, compartilham. Também auxilia a maturação intelectual, a memória, a linguagem.

5. VIVÊNCIA MUSICAL EM SALA DE AULA

A criança, na escola, é um potencial de qualidades e defeitos inerentes a cada ser humano e influenciável por estímulos ambientais. Ajuda-la a crescer consiste em facilitar a eclosão e evolução destas qualidades consideradas boas e neutralizar e anular as más tendências (...) Compete ao professor evitar a dispersão dessa energia e, aproveitando o prazer que emana de toda essa atividade, coordenar e disciplinar, com proveito, por meio da Música. (JANNIBELLI, 1980, p.27)

Vivenciar música em sala de aula, para Murray Schafer, em seu livro “O Ouvido Pensante” é, antes de tudo, um trabalho de alfabetização sonora. As aulas devem estimular o desenvolvimento de habilidades para ouvir, criar, sentir, repensar os sons de hoje e de amanhã. O trabalho do professor é ajudar o aluno a repensar nos sons do seu cotidiano, sensibilizando o ouvido para entender o mundo e viver de forma a construir uma sonorização valorizando a estética e o prazer cultural.

Para Snyders, a música deve proporcionar experiências de beleza, e que a beleza existe para dar alegria, a alegria estética, que é uma alegria específica (diferente dos prazeres de que habitualmente desfrutamos, e que constitui um dos aspectos da alegria cultural). A vivência musical em sala de aula deve ser prazerosa, lembrando sempre que ela não visa formar futuros músicos, mas sim a formar a criança do presente.

É importante não confundir estimulação precoce, janelas abertas para a música (assim como para qualquer área) com treinamento mecanicista ou sistematização formal precoce, que visam a resultados que nem sempre são os que mais importam e interessam à criança. (BRITO, 2003)

Todos os educadores musicais que dedicaram e dedicam atenção a crianças pequenas destacam a importância da experiência musical como passo anterior à utilização do código convencional da música

(notação tradicional). A criança brincando, faz música, pois esta é a forma pela qual ela se relaciona com a música.

François Delalande relacionou as formas de atividades lúdicas infantis propostas por Piaget a três dimensões presentes na música: 1- Jogo Sensório Motor – exploração do som e do gesto; 2- Jogo Simbólico – vinculado ao valor expressivo e à significação do discurso musical; 3- Jogo com Regras – vinculado à organização e a estruturação da linguagem musical. O fazer musical dentro da sala de aula deve respeitar as fases de desenvolvimento da criança.

No livro “Música na Educação Infantil” (BRITO, 2003), encontram-se várias sugestões para educação musical com crianças pequenas, mostrando a importância do lúdico nas fases iniciais, da utilização de canções do cancioneiro infantil tradicional, da música popular brasileira, regional e de outros povos, da utilização dos acalantos, brincos e parlendas, dos brinquedos de roda. A autora também salienta a importância da exploração e construção de instrumentos musicais e da importância da criação, da invenção.

As sugestões de FERREIRA (2002) e LOUREIRO (2003) para o trabalho com as crianças maiores partem do respeito àquilo que as crianças trazem de conhecimento musical, do seu interesse, para o novo, sempre fazendo as relações necessárias e explorações possíveis. Jogos e brincadeiras devem ser usados sempre, explorando a linguagem musical. Deve-se também promover a exploração e construção de instrumentos musicais.

As crianças maiores já conseguem organizar e sistematizar alguns conceitos fazendo relações com o contexto em que vivem, por isso não se deve negligenciar a história da arte. Para Snyders, conhecer certos aspectos da vida do compositor e da época da obra contribuem para que se aprecie melhor a obra.

Há muitas possibilidades para um trabalho dinâmico e significativo de educação musical em sala de aula. Cabe ao professor, buscar sempre o aperfeiçoamento, e estar constantemente questionando e refletindo sobre sua prática docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, ficou evidente que a Educação musical na escola é viável, desde que haja primeiramente um comprometimento do coletivo da escola, isto é, docentes, equipe pedagógico-administrativa e comunidade, e também profissionais capacitados na área. Todas as crianças, independentemente de freqüentarem uma escola pública ou privada, deveriam ter direito à cultura musical rica e digna, podendo com isso se libertar da imposição da indústria cultural. Falta vontade política para tornar isto uma realidade, pois não basta estar no currículo o ensino da arte musical, há que se dar condições físicas para que cada escola tenha profissionais formados na área e material necessário para execução do trabalho. Curitiba é uma cidade rica em se tratando de música, possui três escolas que formam

anualmente educadores musicais e não seria difícil concretizar este sonho, bastaria abrir concursos específicos para este tipo de profissional.

Ficou evidente também que a música vai muito além de ser somente um conhecimento construído e disponível à sociedade, ela tem poder de mudar comportamentos, de ampliar horizontes e ajudar na formação integral do indivíduo. Foi observado na escola em questão, que muitos alunos se sentiram mais motivados a freqüentar a escola devido à oportunidade que ela proporcionou de se desenvolverem nesta área, outros melhoraram seu potencial de comunicação, sua linguagem oral, outros estabeleceram vínculos sociais e condutas mais amigáveis através das aulas e dos trabalhos coletivos promovidos.

Este trabalho representou uma oportunidade de crescimento intelectual, através das leituras e discussões realizadas, e crescimento profissional, através dos questionamentos sobre a qualidade e sobre o tipo de educação que se almeja para o Brasil.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. *Como desenvolver conteúdos explorando as inteligências múltiplas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- ANTUNES, Celso. *As inteligências múltiplas e seus estímulos*. Campinas: Papirus, 1998.
- BRITO, Teca Alencar de. *Música na Educação Infantil: Propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- HOWARD, Walter. *A Música e a Criança*. São Paulo: Summus, 1984.
- JANNIBELLI, Emíli D'anniballe. *A Musicalização na Escola*. Rio de Janeiro,. Poligráfica, 1980.
- JEANDOT, N. *Explorando o Universo da Música*. São Paulo: Scipione, 1990.
- LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. *O Ensino de Música na Escola Fundamental*. Campinas: Papirus, 2003.
- REVISTA VEJA. *A Construção do Cérebro*.São Paulo: Editora Abril, 20 de março de 1996.
- SCHAFER, Murray. *O Ouvido Pensante*. São Paulo : Editora UNESP, 1992.
- SEKEFF, Maria de Lourdes. *Da Música: seus usos e recursos*. São Paulo: UNESP, 2002.

SNYDERS, G. ***A Escola pode Ensinar as alegrias da música?*** São Paulo: Cortez, 1992.

VISCONTI, Márcia; BIAGIONI, Maria Zei. ***Guia para Educação e Prática Musical em Escolas.*** São Paulo: Abemúsica, 2002.

FERREIRA, Martins. ***Como Usar A Música Na Sala De Aula.*** SÃO PAULO: Contexto, 2002.